NOTÍCIAS | ANO XIV | RIO DE JANEIRO | JULHO 2014

FEBRAPSI
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

[48]

WWW.FEBRAPSI.ORG.BR

1914-2014: CEM ANOS DE *"introdução ao narcisismo"*

ENTREVISTA

O centenário de "Introdução do narcisismo" na óptica da atualidade

com Luis Carlos Menezes

PÁGINA 6

ARTIGO

Narcisismo: corte e abertura para uma metapsicologia das origens

de Inácio Paim

PÁGINA 7

Foto: Zago

"ESTRELA, ESTRELA"

arte e psicanálise

NO TESTEMUNHO DA ARTISTA MARILIA FAYH

PÁGINAS 10 E 11

ELEIÇÃO

Conheça a nova Diretoria da FEBRAPSI

PÁGINA 3

EVENTOS

XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise

PÁGINA 5

PALAVRAS DO PRESIDENTE

Queridos Colegas!

ALOYSIO AUGUSTO D'ABREU

PRESIDENTE

Ao assumirmos a direção da FEBRAPSI, vejo que iniciamos num momento de maturidade de nossa instituição, alcançada pelo trabalho e dedicação das várias gestões anteriores, trabalho que queremos dar continuidade e aprofundar. Buscamos novas iniciativas, para alcançarmos um pleno fortalecimento de nossa Federação e revigorar o sentimento de pertencimento dos membros de nossas Federadas.

A consolidação de uma Federação cientificamente ativa vem sendo o caminho trilhado pelas gestões anteriores, com uma presença nacional junto às filiadas, por meio da Revista Brasileira de Psicanálise, seu jornal informativo e seu site, além de outros empreendimentos. Todos estes projetos somente tornam-se viáveis através de uma sólida situação financeira, fruto do esforço contínuo das Diretorias.

Além de organizar os congressos, a FEBRAPSI possui várias outras atividades científicas em conjunto com as filiadas, configurando uma importante função integradora das Federadas brasileiras, procurando representá-las em diversos foros, mantendo nossa identidade e nossas diferenças. Para evitar o risco de uma homogeneização, com perda de identidades regionais, a FEBRAPSI mostra-se de fundamental importância, constituindo-se numa entidade forte a defender os interesses das Sociedades, Grupos de Estudos e Núcleos, representando a união de forças das filiadas, com um peso decisivo internacionalmente. Como exemplo da relevância desta corporação na defesa de nossos interesses, temos a brilhante atuação da FEBRAPSI (na época ABP) junto à IPA para a aprovação da análise condensada, tão importante para a difusão da psicanálise no Brasil. Mais recentemente, temos a participação da FEBRAPSI no processo de filiação à FEPAL do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas.

Vemos como de grande importância uma maior integração com as Sociedades não participantes da IPA, estimulando trocas de experiências, atividades científicas comuns e convites para participação em eventos com estas instituições. Será dada continuidade a nossa presença no movimento "Articulação": um espaço político, onde são discutidas questões ligadas ao exercício da psicanálise.

Para este ano, temos programados vários eventos científicos em associação com Grupos de Estudos e Núcleos, instituições em desenvolvimento que, junto com seus alunos em formação, mais necessitam, sem serem os únicos, de um apoio maior da FEBRAPSI. Por ter uma Diretoria composta de membros de várias Sociedades e com diferentes vértices da psicanálise, a FEBRAPSI propicia que estes eventos sejam enriquecidos por pontos de vista diversos.

Em julho, teremos um encontro em Porto Alegre intitulado: "A Reponsabilidade Social das Instituições Psicanalíticas", no qual estudaremos possiblidades de um trabalho conjunto, voltando nossos olhos para os problemas sociais que nos cercam. Várias Sociedades já têm promovido atividades em hospitais, colégios, creches, em comunidades carentes, programas de rádio etc. e a FEBRAPSI busca fomentar este espírito entre as Federadas.

Concluindo, adianto que nosso Congresso Brasileiro de Psicanálise, que se realizará em São Paulo, em outubro de 2015, está em fase de organização. Na perspectiva de um proveitoso encontro para todos, precisamos que, ao serem consultadas, as diversas Federadas manifestem seu interesse em termos de assuntos e mesas que poderão compor o Congresso.

DEPTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO
Editor: Zelig Libermann
Editora Associada: Katia Wagner Radke
Comissão Editorial: Carlos Augusto Ferrari Filho, Elisabeth Meyer Wolf e Sandra Regina Wolffenbüttel.
Jornalistas Responsáveis: Ana Klein DRT/RS 8741
Vera Nunes DRT/RS 6198
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:
Anderson Muniz / Daniella Ferst: CLEMENTE DESIGN
Impressão: Gráfica Odisséia

EXPEDIENTE
Federação Brasileira de Psicanálise
Av. Nossa Sra. de Copacabana, 540 / Sala 704
RJ - CEP 22020-001
Tel/Fax: 55 21 2235.5922 / 2545.5138
email: febrapsi@febrapsi.org.br
site: www.febrapsi.org.br
Sugestões, dúvidas ou críticas podem ser enviadas para jornal@febrapsi.org.br

EDITORIAL

Este editorial marca o início do exercício das funções de Diretor do Departamento de Publicações e Divulgação e de Editor do jornal FEBRAPSI Notícias.

E considerando-se toda a amplitude abarcada pela Federação, esta tarefa torna-se um desafio! O desafio da comunicação entre todas as Sociedades, Grupos e Núcleos presentes em vários estados do Brasil; o desafio de manter o alcance de nosso jornal como o veículo de integração da FEBRAPSI com suas Federadas e com os membros que as integram.

E justamente pela consciência do papel que o FEBRAPSI Notícias ocupa dentro de nossa Federação é que gostaria de manifestar minha satisfação pela confiança depositada em mim pelo colega Aloysio D'Abreu, atual presidente da FEBRAPSI, ao me convidar para exercer as funções acima referidas.

Cabe ressaltar que nossa meta é dar continuidade ao trabalho exercido pelos colegas que me antecederam nesta função, com objetivo de compartilhar informações que nos permitam manter o diálogo estabelecido entre os integrantes da FEBRAPSI.

Assim como a psicanálise é uma disciplina que se transforma, que se desenvolve, as entidades psicanalíticas buscam acompanhar essas transformações através de um exercício continuado de interação mútua e de integração com a comunidade em geral. E para atingirmos os objetivos de manutenção do diálogo dentro da FEBRAPSI, em nossa linha editorial será importante contar com a participação das Federadas para que os membros que fazem parte das entidades componentes da Federação possam participar e ter conhecimento do que acontece com o movimento psicanalítico nas diversas regiões do país.

ZELIG LIBERMANN

EDITOR

Gostaria de destacar ainda que as preocupações com essa responsabilidade certamente se atenuarão pela possibilidade de contar com a colaboração dos colegas Katia Wagner Radke, Editora Associada, Carlos Augusto Ferrari Filho, Elisabeth Meyer Wolf e Sandra Regina Wolffenbüttel, membros da Comissão Editorial.

Desejo a todos uma boa leitura!

CONSELHO DIRETOR TOMA POSSE

No dia 30 de novembro de 2013, em Campinas, ao final de uma Assembleia de Delegados, como tradicionalmente acontece, tomou posse o novo Conselho Diretor da FEBRAPSI, para o próximo biênio.

A gestão para o biênio 2013/2015 está assim constituída:

PRESIDENTE:
Aloysio Augusto D'Abreu (SBPRJ)

SECRETÁRIO GERAL:
Paulo Cesar C. Lessa (SPRJ)

TESOUREIRA:
Rosangela de Oliveira Faria (SBPRP)

DIRETOR DO CONSELHO DE COORDENAÇÃO CIENTÍFICA:
Daniel Delouya (SBPSP)

DIRETORA DO CONSELHO PROFISSIONAL:
Ana Paula Terra Machado (SBPdePA)

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO:
Zelig Libermann (SPPA)

DIRETOR DE RELAÇÕES EXTERIORES:
José Fernando de Santana Barros (SPR)

DIRETORA SUPERINTENDENTE:
Vera Lucia de Faria Benchimol (SPRJ)

No clima cordial que caracterizou a transmissão dos cargos à nova Diretoria, a presidente Gleda Brandão Araújo e a sua Diretoria despediram-se desejando sucesso aos colegas na nova gestão. A Assembleia foi encerrada com a saudação do novo presidente, Aloysio D'Abreu, que renovou o compromisso da Diretoria de seguir promovendo o intercâmbio entre as Federadas e incentivando a difusão da psicanálise no Brasil. Já no dia seguinte foi realizada a primeira reunião do Conselho, marcada por uma extensa pauta proposta pelo Presidente.

CONSELHO DIRETOR DA FEBRAPSI

Gestão para o biênio 2013/2015

FEBRAPSI REALIZA ASSEMBLEIA DE DELEGADOS

A Assembleia de Delegados da FEBRAPSI, realizada em São Paulo, no dia 24 de maio, reuniu representantes das Federadas e os membros do Board da IPA Ruggero Levy e Altamirando M. de Andrade Jr. .

A FEBRAPSI tem planos de interiorização da psicanálise, fomento à formação de novos grupos e possibilidade de levar a instituição a novas regiões, além de projetos de responsabilidade social. Ruggero Levy informou que a preocupação da IPA é apoiar as Sociedades, dedicando maior parte do seu orçamento para essa finalidade.

Os organizadores dos três Congressos – FEPAL (2014), IPA (2015) e Congresso Brasileiro (2015) – deixaram clara a tendência a privilegiar o inter-regionalismo nos programas científicos, dando mais espaço às atividades clínicas como os "Working Parties" e exercícios clínicos. No Congresso da IPA serão 50 salas com atividades simultâneas para "small group discussions" com psicanalistas de todo o mundo. O vice-presidente da SBPRJ, Sergio Nick, destacou sua experiência num interessante modelo, no qual, após uma conferência, realizou-se a divisão da plateia em nove grupos de discussão para trabalharem um material clínico à luz da teoria apresentada na conferência introdutória. Em uma terceira etapa, os grupos se juntaram e trocaram suas conclusões.

O diretor da comissão científica da FEBRAPSI, Daniel Delouya, discorreu sobre o tema do Congresso Brasileiro - "Sonho/ato, os limites da representação"- ressaltando a pluralidade de enfoques e aproximações, que vão da clinica à teoria, passando pelas abordagens interdisciplinares. Destacou a importância das sociedades planejarem atividades científicas em torno do tema, para motivar membros e candidatos a escreverem e participarem do Congresso.

Há uma proposta da FEPAL de ajuda em dinheiro para candidatos ou membros jovens, indicados pelas sociedades, que não tenham condições para arcar com as despesas do Congresso. A iniciativa demonstra o empenho da FEPAL em viabilizar a participação de todos, membros e candidatos.

O novo código de ética da IPA foi considerado muito oportuno, diante das velozes mudanças sociais, tecnológicas e culturais da atualidade. Não se pode ignorar a questão da psicanálise à distância e análise via ferramentas como o Skype. Os profissionais são convidados a estudar a eficácia dessa modalidade já utilizada na formação de analistas do leste europeu com análises didáticas, supervisões e seminários.

Também foi aprovado o registro da marca IPA, pela FEBRAPSI, para impedir o uso inapropriado da sigla. Assim, a FEBRAPSI vai definindo o seu papel de articuladora, entre a pluralidade das suas Federadas pelas diversas regiões do Brasil. A próxima assembleia está agendada para novembro.

BRITTON PALESTRA EM *São Paulo*

Ronald Britton, um dos representantes mais profícuos da escola kleiniana britânica, autor de inúmeros artigos, muitos deles centrados em torno da temática edípica e do conceito de crença inconsciente, esteve na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) de 23 a 25 de abril. Em 2013, ele recebeu da IPA o International Award For Scientific Achievement, tendo sido também agraciado com o prestigioso Sigourney Award.

Em sua conferência "A situação edipiana: desenvolvimento natural ou ruptura de relações?", ele explicitou como a configuração edípica volta a se apresentar em momentos críticos da vida e/ou em cada fase do desenvolvimento. Para Britton, não haveria uma solução do complexo de Édipo, mas sim uma constante reconfiguração dele: a posição depressiva não pode ser elaborada sem a elaboração do complexo de Édipo e vice-versa. Segundo ele, "a recorrência da situação edipiana na vida requer a modificação de versões anteriores em novas circunstâncias, o que significa abdicar de qualquer resolução que tenha sido alcançada."

Nos debates após a conferência, foi discutido o quanto tornar-se o casal da cena primária ou deixar de sê-lo para passar o bastão às novas gerações, é um desafio na sociedade contemporânea, na qual se vê um excessivo prolongamento da adolescência. Também trouxe à discussão uma de suas contribuições mais originais, o conceito de "outro quarto", espaço virtual no qual se dá a cena primária e ao qual não teríamos acesso, sendo por isto estímulo à função imaginativa.

Segundo a Diretora Científica da SBPSP, psicanalista Vera Regina Fonseca, "nos seminários oferecidos por Britton, ficou claro como ele acompanha de perto a sessão sem se ater a fórmulas pré-programadas ou a um processador saturado. Não prioriza a inveja nem a destrutividade, mas enfatiza a experiência de amar e ser amado como essencial para a saúde psíquica". Sem transformar tal fato em dogma, aponta a importância da

RONALD BRITTON

configuração mental do paciente frente à cena primária, da situação entre os irmãos e fantasias a eles relacionadas. Estão incluídas em seu foco a sexualidade infantil e suas manifestações, reafirmando a tese de Klein de que a forma pela qual um indivíduo suporta a situação edípica e suas inevitáveis privações revelará sua possibilidade de se relacionar com a realidade externa.

A diretora conclui que "foi estimulante para todos que acompanharam Britton testemunhar seu vigor intelectual e a capacidade de renovar e enriquecer a tradição kleiniana".

OS NOVOS DILEMAS DE PSICANÁLISE DA *infância e adolescência foram discutidos em Porto Alegre*

Convidada Letícia Fiorini

O Núcleo de Psicanálise da Infância e Adolescência da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) realizou seu XVI Simpósio de Psicanálise, de 22 a 24 de maio de 2014, com o tema "Novos Dilemas de Psicanálise da Infância e Adolescência".

A psicanalista Leticia Glocer Fiorini, atual presidente da Associação Psicanalítica Argentina, participou como convidada e, além de realizar uma supervisão coletiva, abordou os seguintes temas:

- Construção da identidade sexual na infância e adolescência: dilemas atuais
- A psicanálise e as novas configurações familiares: abordagens terapêuticas
- Subjetivação nos filhos de casais não convencionais

O evento, destinado a estudantes e profissionais em formação, suscitou intenso debate.

RIBEIRÃO PRETO REALIZA BIENAL *"Humor, Verdade e Psicanálise"*

Ribeirão Preto sediou a III Bienal de Psicanálise e Cultura promovida pela Sociedade Brasileira de Psicanálise da cidade, a SBPRP, de 15 a 17 de maio, intitulada "Humor, Verdade e Psicanálise". Com mais de 400 inscritos, nesta edição, o evento despertou interesse em um amplo público, de universitários de diversas áreas a profissionais de outras Federadas.

Para a Diretora Científica da SBPRP e Coordenadora Geral da Bienal, Lia Falsarella, "o tema se mostrou farto em possibilidades de dialogar com a literatura de Shakespeare, o cinema de Chaplin, a filosofia de Nietzsche, com Bion de Memórias do Futuro, com a crítica da mídia contemporânea, com o tradicional humor judaico, com a própria clínica psicanalítica no tema – Humor e dor mental." Segundo ela, "num primeiro momento, o Humor – tema caro a Freud, colocado junto à Psicanálise - pareceu despertar certa perplexidade, como se fizesse aí um par de opostos. Entretanto, a inquietação mostrou-se fértil, especialmente, quando a proposta se fez coser pelo que estava colocado como elemento central e vincular - a Verdade - o que parece ter alimentado uma animada participação, tanto dos analistas como dos estudantes".

O evento trouxe nomes como a semioticista Marisa Giannecchini que proferiu a Conferência de Abertura, o filósofo Oswaldo Giacóia, o jornalista Eugênio Bucci, a professora Marlene dos Santos, o cartunista Oswaldo Rodrigues e a historiadora Verena Alberti. Entre os psicanalistas estiveram Raul Hartke, Carlos Eva, Ignácio Gerber, Arnaldo Chuster, Antônio Sapienza, Tenório Lima e Cláudio Eizirik que proferiu a Conferência de Encerramento.

A Exposição Permanente de Cartoons, cedida pelo Salão Internacional do Humor de Piracicaba, e a belíssima apresentação do jovem Coral Cênico da USP também animaram o evento.

XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE DISCUTIRÁ *"Sonho/ato: a representação e seus limites"*

A Diretoria da FEBRAPSI acompanha, promove e apoia as atividades científicas de suas Federadas. Elas refletem a interlocução em torno do trabalho clínico exprimindo a transmissão da psicanálise nos institutos de formação das Federadas. O Congresso Brasileiro de Psicanálise reúne essa expressão científica e permite a troca entre as Federadas e seus membros, assim como torna público e proveitoso para os demais participantes o esforço no aprofundamento da psicanálise no Brasil.

Em março, a Diretoria da FEBRAPSI reuniu os diretores científicos das Federadas para debater as propostas dos membros de suas instituições para a elaboração do tema do próximo congresso. "Sonho/Ato: a representação e seus limites" foi o tema definido para o XXV Congresso, que se realizará na cidade de São Paulo, de 28 a 31 de outubro de 2015, no Hotel Maksoud Plaza.

O Diretor Científico do Congresso, Daniel Delouya, afirma que "o tema comemora o centenário da redação dos textos da metapsicologia, pois reflete, curiosamente, a tensão e o movimento expresso no interior da metapsicologia freudiana". A metapsicologia, longe de ser abstração do processo analítico, é o substrato e o combustível do próprio exercício do pensamento clínico. São as exigências culturais e suas evoluções que vêm colocando à prova, da observação clínica e das manifestações sociais, o teor deste tema.

Segundo ele, as questões relativas aos limites da representação têm sido debatidas amplamente refletindo-se nas psicopatologias, no manejo clínico, na técnica e na ampliação da intervenção da psicanálise em outros meios. "Esperamos que as federadas organizem parte das atividades científicas em torno desse tema, estimulando a contribuição de seus membros e candidatos", destaca Delouya. Além dos tradicionais quadros, de cursos, mesas redondas, temas livres, apresentações e exercícios clínicos, outros painéis e espaços de reflexão também estão previstos. As atividades sociais, culturais e artísticas são organizadas pela FEBRAPSI em conjunto com comitê local da sociedade hospedeira, a SBPSP.

"Realidades e Ficções" SERÁ TEMA DE CONGRESSO

"Realidades e Ficções" será o tema central do XXX Congresso Latino-americano de Psicanálise, organizado pela Federação Psicanalítica da América Latina (FEPAL), a ser realizado em Buenos Aires de 3 a 6 de setembro de 2014.

Sobre esse eixo se centralizarão as discussões das cerca de 700 propostas de trabalhos científicos que foram recebidas. Discussão essa que já se iniciou nas Sociedades Psicanalíticas Latino-americanas, quando algumas escolheram estudar "Realidades" e outras optaram por debater "Ficções".

O Coordenador Científico da FEPAL, psicanalista Sergio Lewkowicz, destaca que "pela primeira vez teremos uma série de atividades interdisciplinares, prévias e concomitantes ao Congresso: jornadas de arte, de cinema, de pesquisa, de educação, de crianças e adolescentes e de psicanálise e universidade". Está previsto também o Primeiro Diálogo Latino-americano de Psiquiatria e Psicanálise, apoiado pela FEPAL, IPA, Sociedades Psicanalíticas Argentinas, Associação Psiquiátrica Argentina e Associação Psiquiátrica da América Latina.

As inscrições para o Congresso estão abertas. Maiores informações podem ser obtidas na página da FEPAL na internet:
www.fepal.org

O CENTENÁRIO DE "INTRODUÇÃO AO NARCISISMO" *na óptica da atualidade*

O psicanalista Luís Carlos Menezes, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, entidade que chegou a presidir, é o entrevistado do FEBRAPSI NOTÍCIAS.

Na França, ele mergulhou nos estudos com J.-B. Pontalis, P. Fédida, M.Lagache, J. Laplanche e R. Diatkine e compartilha aqui com os leitores sua percepção sobre o texto de Freud "Introdução ao narcisismo", que completa 100 anos em 2014.

FEBRAPSI NOTÍCIAS: Qual a importância de "Introdução ao Narcisismo" no contexto das obras anteriores e posteriores de Freud?

MENEZES: Com "A interpretação dos sonhos" (1900) e os "Três ensaios sobre a teoria sexual" (1905), temos concepções capazes de garantir a prática e instaurar o novo campo do saber que é a Psicanálise: uma teoria do sintoma de que sofre o paciente, entendida como formação psíquica animada, paradoxalmente, pelo desejo inconsciente em impasse, e um método de tratamento baseado na escuta da fala associativa do paciente, em uma condição favorecedora da atualização transferencial, na qual o desejo – sexual e infantil – encontra condições de ganhar terreno, pelo trabalho da significação, respeitadas as estratégias defensivas inconscientes do Eu. Na década seguinte, assistimos a um novo e fecundo avanço, que gravita em torno da ideia de que o Eu não está somente implicado no sintoma como negociador do compromisso com as pulsões (sexuais), mas que ele próprio está em jogo como objeto das aspirações pulsionais, como objeto de desejo. Nesta condição, pode sofrer modificações decisivas, por identificações maciças, no Leonardo (1910), e perturbações graves, como no colapso psicótico, na esquizofrenia e na paranoia, como no Caso Schereber (1911), assim como na melancolia, em Luto e melancolia (1917. O amor, mas também o ódio, voltados contra o Eu em seu investimento reticente dos objetos, abre a clínica para novas possibilidades, desde as questões postas pelas psicoses. O texto de 1914, em que é formulada a concepção de um Eu objeto da libido – o narcisismo, assim como as exigências da clínica às quais responde esta virada na teoria da libido, é rico em questões novas e de grande alcance. Seja uma teoria das psicoses em que a retirada dos investimentos libidinais dos objetos para o Eu, sem investimento em novos objetos, é congruente com o colapso psíquico, com o delírio de grandeza e com a retração do interesse do psicótico pelo mundo. Seja a questão sobre a constituição do Eu desde a pulsionalidade auto-erótica e que interroga sobre a natureza do Eu, ponto de grande alcance para a clínica. Seja a tensão problemática e permanente entre um Eu constituído como miragem de plenitude e de onipotência no narcisismo originário, e a formação do Ideal do Eu, ao qual o Eu é confrontado em suas buscas por uma instância que o vigia e julga. Sejam, ainda, os desenvolvimentos sobre a vida amorosa, suas escolhas e as dificuldades em sustentá-la. A segunda teoria da libido (que, como sempre, em Freud, contém intacta a primeira), postulando um equilíbrio movediço entre libido do Eu e libido de objeto, será a condição para o avanço dos anos 20 da nova teoria das pulsões, formulada em torno do traumatismo - sempre traumatismo do Eu narcisicamente investido, e do automatismo da repetição, assim como para a postulação de um novo modelo de aparelho psíquico, que dá peso à culpabilidade inconsciente (o desamor de si e o sadismo do supereu) e às pulsões "ligadas" e "não ligadas".

FN: A psicanálise passou por acréscimos teóricos e transformações na técnica que permitiram um acesso mais amplo às várias áreas do psiquismo. Que ideias de "Introdução ao narcisismo" se mantêm importantes na clínica psicanalítica? O que se acrescenta às formulações freudianas na atualidade?

MENEZES: Todas, pelas transformações e novas formulações que foram encontrando, a começar pelos seus desdobramentos no interior da própria obra de Freud e dos analistas em diálogo com ele, pois isto ocorreu ainda por mais vinte e cinco anos, desde 1914. Nos anos vinte, a clínica dos traumatismos do Eu e a ênfase na repetição, no aqui e agora da sessão, como possibilidade de serem resignificados nos trabalhos de S. Ferenczi e de O. Rank. Esta teve o seu prolongamento em M. Balint e, também, um pouco adiante, em D. Winnicott, cuja concepção de um espaço potencial (cheio de possibilidades) e do objeto transicional que atenua e possibilita elaborações mediadoras, simbolizantes, na tensão paranóide inerente ao Eu diante do outro semelhante (O que sou para ele? O que pretende?). Na mesma época já começam a tomar corpo, por outro lado, as teorias de M. Klein que se centram e possibilitam um riquíssimo desdobramento em torno de uma clínica das angústias e defesas da condição arcaica do Eu narcísico originário entre o amor, sempre incerto, do objeto, e a desconfiança nutrindo o temor persecutório e o ódio. O par amor/ódio do outro/de si encontra-se em primeiro plano na teoria do narcisismo, sendo objeto de uma descrição metapsicológica valiosa em Pulsões e suas vicissitudes (1915). Era uma clínica que tinha por norte a integração do Eu e sua discriminação dos objetos tornados mais confiáveis. O desenvolvimento de um trabalho clínico com crianças e o tratamento de pessoas em condições psicóticas mais graves foram ganhos importantes. E há a retomada de Lacan, que desde os anos 30, propõe um estádio do espelho em que a constituição do Eu como totalidade (ilusória, imaginária), sobre fundo do auto-erotismo (que fica excluído desse todo) se faria com base na imagem do corpo. Isto lhe dá elementos para uma reflexão, que me parece essencial, sobre o lugar do Eu na análise. O Eu como função de desconhecimento do que importa na análise e que é o que escapa o tempo todo, ou seja, o inconsciente, nos fornece condições de diferenciar a condição da escuta analítica do relacional em seu sentido comum. Este, na vida corrente, é centrado – ilusoriamente - neste "imaginário" interpessoal em que o que é para valer, o desejo inconsciente em suas vicissitudes, tende a se manter intrinsicamente ignorado. Toda a clínica dos pacientes borderline e os autores que a pensam recorrem a noções que vão se formulando e se especificando de diferentes maneiras para dar conta de suas experiências, num campo conceitual que não creio que seja incompatível, pelo contrário, com o terreno aberto de forma inaugural pelo texto de 1914 sobre o narcisismo.

LUÍS CARLOS MENEZES

FN: O senhor considera que os conceitos elaborados neste texto centenário estão presentes em sua prática psicanalítica?

MENEZES: As temáticas da vulnerabilidade narcísica nas relações, da vida amorosa e do desejo, dos ferimentos dolorosos, dos lutos, dos traumatismos, dos estados de alma concorrenciais (ciúmes, inveja, agressividade), das insuficiências e fracassos, das tensões entre as aspirações do narcisismo originário (ser tudo para o outro, ser único) e as do Ideal do Eu (ser apenas um entre outros), embora sejam de grande alcance conceitual são, ao mesmo tempo, imediatamente perceptíveis por qualquer um de nós em nossa vida pessoal, no convívio com os outros e, obviamente, muito presente na experiência clínica. Em minha experiência clínica, não vejo como não ter presente que as aspirações narcísicas são o terreno em que se põem em jogo as questões edípicas e seus desdobramentos.

NARCISISMO:
corte e abertura para uma metapsicologia das origens

IGNÁCIO A. PAIM FILHO[1]

Em setembro de 1913, após o derradeiro congresso da IPA em Munique, marco da ruptura definitiva com Jung, Freud revisitara Roma. Revitalizado por esse reencontro, e buscando elaborar os efeitos dessa cisão para o movimento psicanalítico, vai começar a rascunhar um de seus trabalhos mais significativos: Para Introduzir o Narcisismo. Produto de divergências teórico/clínicas que tem como ponto de ebulição a necessidade de repensar a teoria pulsional – a libido – energia da pulsão sexual e suas repercussões na psicose. O caso do presidente Schreber (1911) demanda novos aportes. Instalação de um novo modelo para especulações sobre a constituição da psique: a relação neurose/psicose. Advento de uma nova dualidade pulsional: libido do Eu versus libido do objeto, com seu movimento de gangorra. As pulsões de autoconservação passam a ser libidinizadas, o não sexual sai de cena, o que implicará nos desdobramentos da virada de vinte – quando esse retorna com a pulsão de morte. Nesse sentido, assinalo que esse texto sobre o narcisismo, poderia ter como codinome a virada de quatorze.

Nesse trabalho Freud se valerá da regressão psicótica como um estímulo para adentrar ao universo arcaico e, com isso, coloca em movimento a criação de uma metapsicologia sobre a constituição do Eu. Utiliza como referência o acontecer do narcisismo. Seguindo por essa trilha propõe como se dá esse desenvolvimento do autoerotismo ao amor objetal. Para atingir tal meta, enuncia a necessidade de **uma nova ação psíquica**[2] para viabilizar a saída do autoerotismo. Ação integradora, porém não nomeada por Freud. Sendo justamente o narcisismo primário que surge dando uma estruturação, criando uma unidade, regida por um padrão organizador – o princípio do prazer purificado. Diante desse cenário temos as bases para inferir sua ligação e fundamentação para o Eu-Ideal. Contudo, através de um processo de aquisição, gradual de uma diferenciação, vai se fazendo acontecer o narcisismo secundário – retorno ao Eu da libido que foi investida nos objetos. Esse retorno da libido traz as marcas que revelam a não completude, fissuras que põem a trabalhar a construção de um Eu comprometido com os ideais narcísicos, porém esse já submetido à logica do princípio do prazer/desprazer: o Ideal-de-Eu. Ideal esse que estará subjacente aos destinos do recalque e da sublimação.

Uma das grandes questões, entre muitas, que está posta nessa introdução do e no narcisismo é a vinculação do narcisismo primário com as figuras parentais. Parece-me que Freud faz um avanço através de uma regressão, ou seja, em Totem e Tabu (1913) tece uma possível antropologia psicanalítica para as origens do sujeito e da cultura, centrado no desejo parricida e incestuoso do filho em relação aos pais, tomando por paradigma a tragédia edípica, encenada em Édipo Rei de Sófocles. Por outro lado, no Narcisismo, nos propõe uma mudança de perspectiva – "[...] dedução retroativa a partir de outro ponto de observação." (Freud, 1914) – com a postulação do narcisismo primário, traz para o primeiro plano a anterioridade do desejo das figuras parentais, com todo o seu implexo para com seus rebentos – ser objeto de desejo – ápice da vivência incestuosa: ser três em um: "O ponto mais sensível do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente encurralada pela realidade, ganha, assim refúgio seguro abrigando-se na criança" (Freud, 1914). Com o esboçado nessa cena – refugiar-se, abrigar-se com segurança em... – amparar o desamparo dos seus ascendentes: eis aí lançadas as bases para uma possível neurose do destino (Freud, 1937), com seus mandatos endogâmicos.

Podemos explorar, para além desse texto centenário, que o tema do duplo abordado por Freud em 1919, no Estranho, vem ao encontro dessa ideia: o filho em suas origens como um duplo do investimento parental, protetor e necessário, porém mortal se perpetuado. Portanto, em Totem e Tabu, temos uma narrativa estruturada nos destinos de Édipo, enquanto nesse texto de 1914, temos uma introdução que permite especular sobre as origens de Édipo. Retorno da velha pergunta ao oráculo, feita pelo jovem Édipo, suscitando outra resposta, talvez não excludente, mas sim complementar: qual a minha ascendência? Estranhamento. O oráculo cala, como se dissesse nada saber sobre suas origens. Entretanto, fala do seu destino. Compreendo que ao olhar o destino de Édipo (1913) e ao mesmo tempo calando sobre a sua origem especificamente (1914), Freud abre a possibilidade e convida para intervirmos na problemática do narcisismo dos pais – o renascer da renúncia da castração – e seu comprometimento na constituição da psique dos seus descendentes, proporcionando os indícios para a sua postulação, em Análise Terminável e Interminável (1937), do leito de rocha, com seu repúdio ao feminino.

Seguindo por esse caminho, o lugar do objeto, a partir dessa abertura metapsicológica, amplia sua significação. Torna cada indivíduo, num tempo inaugural, coadjuvante do protagonismo dos objetos primordiais. O processo de desenvolvimento da psique – o vir a ser protagonista – está subordinado à possibilidade da ruptura deste pacto narcísico com os pais, com sua promessa de imortalidade. O romance familiar edipiano torna-se mais complexo, sendo ressignificado, nesse a posteriori, diante dessa virada de quatorze.

Já me encaminhando para o fechamento dessas pontuais considerações sobre o texto, que se mantém com uma vitalidade perene, que segue nos solicitando para novas/velhas interrogações, deixo registrado, à guisa de introdução a interlocuções, a importância de tecermos releituras desse escrito à luz da pulsão de morte. Como apontei anteriormente, o retorno do não sexual da pulsão de morte – propicia desdobramentos do narcisismo, da patologia à criatividade. Pelo viés psicopatológico temos, por exemplo, a destrutividade da força do desligado que impera na psicose, de um narcisismo em que a libido é deficitária em sua função de domesticar a pulsão de morte; por outro lado, a sublimação, enquanto criação, ganha novo status metapsicológico: implicando desconstrução e construção. A pulsão de morte produz rupturas, que propiciam liberação da libido, que por sua vez pode fazer novas ligações.

Com a introdução da pulsão de morte, no seio do narcisismo, se produz um avanço metapsicológico, com repercussões teóricas e clínicas, que ressoa de forma consistente na dinâmica estrutural da psique, no interjogo da libido da pulsão sexual (ligar) versus a destrutividade da pulsão de morte (desligar)[3]. Ressoar que nos convoca e provoca a adentrarmos no universo que jaz no leito de rocha: sepultado sim, destruído não – a hegemonia da virilidade narcísica.

A pretensão, com certa dose de ousadia, com essa narrativa é que possa ser um incitamento para releituras desse texto centenário. Escritura que tem uma potencialidade vibrante para dar fundamentação para as ideias que estão por vir, bem como constituir-se no elo com o anteriormente elaborado. Assim sendo, reencontrá-lo e contextualizá-lo, de Freud ao nosso tempo, acompanhado de um espírito investigativo, pode ser uma bela oportunidade de experimentarmos reflexões a respeito do ser contemporâneo: sobre a psicanálise, sobre nosso ofício e sobre as interações com a ordem social.

[1] Psicanalista, membro titular da SBP de PA.
[2] Essa "ação" será palco de muitas discussões pelos pós-freudianos. Fico inclinado a referendar a ideia de que a identificação primária – o ser identificado – seja o elemento que cumpra essa ação de ligação
[3] Essa temática é desenvolvida por autores como: S. Leclaire, A. Green e N. Marucco.

POSSE DA NOVA GESTÃO DA *Associação Brasileira de Candidatos*

A nova Diretoria da Associação Brasileira de Candidatos (ABC) tomou posse em 22 de março, na sede da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

No encerramento de sua gestão, a presidente Joselane Campagna (SPMS) em um discurso emocionante agradeceu a sua equipe, aos conselheiros e aos representantes que a ajudaram nesta tarefa. Fizeram parte daquela Diretoria como Vice-presidente Deise Comparin, como Secretária, Thalita Gabinio (SPMS) e como Tesoureira, Odete Koltermann (SPMS). Em seguida, Miriam Altman assumiu o cargo de Presidente, apresentando a nova Diretoria: Janice Isabel Rodrigues Bicudo de Faria, como Vice Presidente, Evelyn Pryzant, como Secretária e Monica Povedano, como Tesoureira. Também tomaram posse os novos conselheiros eleitos em Campo Grande durante o Congresso: Deise Comparin (SPMS), Lucas Silva Santos (Gepmg), Marina Magalhães Leitão Miranda (SBPRJ), Nyvia Oliveira Souza (SPPA) e Eliane Souto Abreu (GEPFOR).

No mesmo dia, várias atividades marcaram o início da nova gestão, tendo como convidados os conselheiros e representantes dos diversos estados brasileiros, das regiões Sudeste, Centro Oeste e Sul. Pela manhã foi realizada uma reunião sobre as principais demandas de cada região e algumas datas possíveis para os encontros regionais. Também se discutiu a possibilidade do encontro nacional ser realizado em Fortaleza. À tarde realizou-se a mesa redonda em torno do tema "A participação institucional: a importância do quarto eixo na formação". Um happy hour especial no Joquey Clube promoveu uma confraternização entre os membros da FEBRAPSI de todos os estados. Um marco importante como início para um trabalho produtivo!

GEPCAMPINAS AGORA NA FEPAL

Presidentes: Abel Fainstein(FEPAL) e Nelson Rocha(GEP)

Logo após o Congresso Internacional no México em 2011, quando o GEP Campinas foi oficialmente aprovado pela IPA, antes mesmo da comunicação oficial, o Grupo já recebeu as boas-vindas da FEBRAPSI como um de seus Grupos de Estudos Federados.

Entretanto, o presidente do Grupo, Nelson José Nazaré Rocha, lamenta que "desde então tentamos nos filiar à Federação Psicanalítica da América Latina (FEPAL), encontrando uma série de barreiras burocráticas. Pela legislação uruguaia teríamos de obter uma declaração de cartório, atendendo exigências estatutárias da FEPAL, porém, os cartórios brasileiros não emitem essa declaração. Estávamos num impasse gerado pela incongruência entre a burocracia oficial de dois países latino-americanos". Na busca da solução para a questão, ele lembra: "redigimos, então, nós mesmos a tal declaração, aprovada em uma Assembleia Geral, que teve sua ata registrada em cartório. Contudo, permaneceu o impasse".

Na Assembleia de Delegados da FEBRAPSI realizada em Campinas, em novembro de 2013, quando houve a eleição e posse da nova Diretoria, capitaneados pela então presidente, Gleda Araújo, os delegados conjuntamente com as duas Diretorias (a que se encerrava e a que assumiu, presidida por Aloysio de Abreu) assinaram uma carta solicitando providências à FEPAL. A partir desse impulso, o Grupo passou a contar com a colaboração ativa da Diretoria da FEPAL na pessoa de seu Presidente, Abel Fainstein, e, com a intermediação de Sergio Nick, obteve a aprovação dos papeis, vencendo a burocracia. Em março saiu a notícia oficial da federação do GEPCampinas à FEPAL. "Tudo isso graças ao inestimável estímulo da FEBRAPSI e aos também inestimáveis esforços de Susana García, Diretora de Sede da FEPAL e de Silvia Bechler, Secretária Executiva, somados aos nossos", destaca Rocha. Imediatamente, o Grupo compartilhou os procedimentos com os outros quatro Grupos de Estudo da FEBRAPSI, que já tomam providências para sua Federação.

Em maio, Rocha esteve presente ao Conselho de Presidentes da FEPAL em Buenos Aires, onde, formalmente assinou a ata de Federação do GEPCampinas à Federação Psicanalítica da América Latina.

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE: *mutações e perplexidades*

Inaugura-se a edição da Revista Brasileira de Psicanálise de olho nas mutações e perplexidades no mundo e no campo psicanalítico.

A Revista não tem se furtado a promover um debate plural, clínico e teórico desses importantes temas, mediante a publicação de artigos de autores brasileiros e estrangeiros, assim como de entrevistas e diálogos de interface com diferentes pensadores da cultura.

Segundo o editor da Revista, Bernardo Tanis, o grupo acompanhou a escolha da temática para o 49° Congresso da IPA (Boston, agosto/2015) – Um mundo em mutação: formas e uso das ferramentas psicanalíticas na atualidade: "Vivemos em um mundo em rápida transformação. Como essas mudanças afetam a mente, a nossa técnica e nossos consultórios?". Para ele, este tema também convida à reflexão metapsicológica proposta por interessantes trabalhos em torno da questão do Atual na psicanálise, assunto do 74° Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa (Canadá, maio/2014).

Tanis lembra que "o tema mutações evoca tensões e conflitos inerentes à história. Na América Latina, ao lado das transformações globais das últimas décadas, estamos também engajados, como parte de nossa identidade cidadã e psicanalítica, no debate sobre a colonização e seus efeitos econômicos e culturais". Realidades e ficções, tema do 30° Congresso da FEPAL (Buenos Aires, setembro/2014), convoca a refletir sobre estas realidades e as expectativas futuras da psicanálise; os mitos de origem; os desafios dos institutos e da formação de analistas na atualidade – como adequar a clínica aos novos formatos das demandas sem perder o legado e os fundamentos ético-clínicos que herdamos das primeiras gerações de analistas?

Movido por estas inquietações, o conselho editorial escolheu os seguintes temas para próximos números da RBP : mutações e perplexidades, as intervenções do analista e os 100 anos da Publicação de "Introdução ao narcisismo", comemorados a partir de seus desdobramentos na clínica atual. "Posteriormente pensamos abordar assuntos vinculados ao XXV Congresso FEBRAPSI, em São Paulo cujo tema será: Sonho/ato, os limites da representação", explica o editor, que destaca ainda a importância da contribuição de todos os associados. Todos são convidados também para os debates em torno da escrita da clínica e sua publicação – encontros promovidos pela equipe da RBP em Congressos, assim como em Sociedades, Grupos de Estudos e Núcleos pertencentes à FEBRAPSI.

A INFÂNCIA COMO *potência criativa*

ROBERTO CALIL JABUR

Membro Efetivo
da Sociedade de
Psicanálise de Brasília.

Analista Didata do Instituto de Psicanálise Virginia Bicudo

Giorgio Agamben é um filósofo italiano que nos últimos anos tem se destacado por uma produção profícua e foi definido pelos jornais Times e Le Monde como uma das dez mais importantes cabeças pensantes do mundo.

Como não poderia deixar de ser, sua obra influencia os mais variados campos científicos. Nos últimos anos, temos percebido inúmeros trabalhos psicanalíticos que direta ou indiretamente citam o filósofo.

Seu segundo livro publicado chama atenção justamente pelo título: Infância e História. Ensaio sobre a destruição da experiência (1978). Durante toda a obra o autor tenta fazer uma relação entre infância, experiência e fantasia.

Para Agambem, a infância é um fato da vida humana que indica o não instituído, potências que resistem a determinações. Bastante concentrado em estudos linguísticos, Agamben buscará neste "estado de infância" sua situação de passagem, de morada provisória, de aprendizado e espanto da linguagem.

Esta infância vive, como em um jogo, articulada e esquecida ao mesmo tempo. No limiar da presença/ausência, entre tradição e o gérmen. A primeira busca ser perpetuada como forma de propriedade e de memória; já o segundo é construído como agente de invenção e de recomeço.

Por isso mesmo, a infância não é um estado primeiro e cronológico de nossa trajetória biográfica, mas sim uma ontogênese, um processo de potencialidades narrativas de experimentações. Ela é o estado onde se pode recuperar a vida como narrativa e como jogo. Como a própria experiência, constituída do não-saber, do silêncio, do que não se diz.

A figura da criança emerge como o outro do sentido, a linguagem como o brinquedo: jogo, renovação, nascimento. A criança desmonta os objetos da realidade para torná-los reais, ou seja, mostra as variantes potenciais de sua existência para não ocultá-los de seu lugar, que é o real. O jogo é a própria maneira de experimentar a liberdade, defende Agamben, pois liberdade é acima de tudo poder-não-ser. Não é apenas uma afirmação categórica, mas também uma renúncia: renunciar ao que não somos e nos tornarmos, potencialmente, algo que nem sequer nos imagináramos capazes. O jogo da infância é o jogo da própria liberdade. O brincar é o ato de desarmar o pensamento.

Walter Benjamin, filósofo e historiador da primeira metade do século passado, ao falar da transformação histórica do brinquedo e do brincar, afirma que a brincadeira viva passa necessariamente por um processo de criação. Benjamin analisa a repetição intrínseca ao brincar e que nada torna mais feliz a criança do que o "mais uma vez". Mas não o "mais uma vez" de uma compulsão à repetição, não o "fazer como se", mas um "fazer sempre de novo", para criar sempre o novo, em uma variação criativa e criadora. Um modo de experimentar o mundo criticamente, porque inclui no próprio brincar e na própria infância, as dificuldades, os tropeços, as liberdades de não-ser e de ser, de expansão e retração, de movimento rumo ao desconhecido, nele escavando brechas e fazendo das incertezas parte do próprio jogo. Um estado de infinitas bricolagens e citações emocionais (bem ao estilo do filósofo alemão), onde um objeto que aparece pode conter referências e estados emocionais múltiplos, como ele próprio descreve no ensaio Rua de Mão Única (1984, p.39):

CRIANÇA DESORDEIRA. Cada pedra que ela encontra, cada flor colhida e cada borboleta capturada já é para ela princípio de uma coleção, e tudo que ela possui em geral, constitui para ela uma coleção única. Nela essa paixão mostra sua verdadeira face, o rigoroso olhar índio, que, nos antiquários, pesquisadores, bibliômanos, só continua ainda a arder turvado e maníaco. Mal entra na vida, ela é caçador. Caça os espíritos cujo rastro fareja nas coisas; entre espíritos e coisas ela gasta anos, nos quais seu campo de visão permanece livre de seres humanos. Para ela tudo se passa como em sonhos: ela não conhece nada de permanente; tudo lhe acontece, pensa ela, vai-lhe de encontro, atropela-a. Seus anos de nômade são horas na floresta do sonho. De lá ela arrasta a presa para casa, para limpá-la, fixá-la, desenfeitiçá-la. Suas gavetas têm de tornar-se casa de armas e zoológico, museu criminal e cripta. "Arrumar" significaria aniquilar uma construção cheia de castanhas espinhosas que são maças medievais, papéis de estanho que são um tesouro de prata, cubos de madeira que são ataúdes, cactos que são tótens e tostões de cobre que são escudos. No armário de roupas de casa da mãe, na biblioteca do pai, ali a criança já ajuda há muito tempo, quando no próprio distrito ainda é sempre o anfitrião inconstante, aguerrido.

Voltando a Agamben o uso da imaginação e o estado de infância são justamente a fonte primordial para a mediação da busca do conhecimento, a desordem produtora. Na Antiguidade, a fantasia é vista positivamente como formadora de imagens de sonhos nos quais se recolhiam adivinhações. Já Descartes, trata a fantasia como fato da subjetividade, um fantasma, combinação de alucinação com alienação mental.

A ciência moderna desvincula a imaginação do real, lega-a (pensando no sentido da frase, não se poderia pensar no verbo "relegar" no lugar de legar?) para um plano de irrealidade (o que estaria aquém/além do real, a forma do impossível) e por isso impedida de ser uma forma de conhecimento. É deste espaço abandonado que emerge o fantasma.

Neste sentido, Agamben demonstra como a noção moderna e científica da imaginação ligada a um fantasma alucinatório retira a capacidade inventiva da imaginação, como estado de infância. Os fantasmas são os índices para uma cultura que não "joga", não permite a aparição do residual e, portanto, da própria vida da história humana, na qual a criança é entregue aos fantasmas. O impedimento faz da criança o movimento estacionário de um tempo que não devolve o passado e não comunica o futuro, mas, em sua própria imobilidade, será o espelho que ilude como preservação.

O que Agamben pretende demonstrar é justamente como a infância é justamente a potência da imaginação e da experiência. Para ele, leitor cuidadoso de outro filósofo, Walter Benjamin, o brinquedo não preserva o tempo como um antiquário ou como um monumento, mas como material icônico da temporalidade, desconstruindo e distorcendo o passado ou miniaturizando o presente – jogando.

A miniatura, o brinquedo e a própria infância tornam presença o que é fragmento: pedaços, passagens, intenções pertencentes a outras estruturas que se reúnem para a indistinção temporal que repercute no jogo.

ESCULPINDO a vida

"HELENO"
Foto: Zago

O Museu do Louvre, em Paris, assim como Espanha, Portugal, Grécia e EUA já foram palcos para as obras da artista plástica Marilia Fayh que se dedica à escultura, pintura e litografia e, mais recentemente também demonstrou seu talento com as palavras, ao lançar o livro "Diário de Alecrim".

Na entrevista ao FEBRAPSI NOTÍCIAS, ela abre seu coração, mergulha em suas memórias e compartilha suas percepções sobre a arte, a vida e o mundo. Numa autoanálise afirma: "Não sei se o que faço é obra de arte, isto só o tempo vai dizer. Prefiro chamar meu trabalho de obra de vida. A vida me faz trabalhar. A vida me emociona, provoca, maltrata ou me enche de prazer e eu transbordo trabalho".

FEBRAPSI: CONTE UM POUCO DA SUA HISTÓRIA COMO ESCULTORA.

MARILIA: Sempre desenhei. Desde menina. Era meu brinquedo predileto: lápis de cor, papel, tesoura, tintas, enfim, desenhava todo o tempo; recortava, montava, sem nunca imaginar que esta brincadeira pudesse se transformar em profissão. Desenhar era, e continua sendo, o meu refúgio. Uso a expressão desenhar porque não tinha a menor ideia que às vezes fazia desenhos tridimensionais, recortados e que saiam do bidimensional. Brincava intuitivamente com cores e formas, sem jamais me preocupar com a possível utilidade deste prazer. Mais tarde, na escola, descobri que desenhava com mais facilidade do que minhas colegas e me inclinei naturalmente para esta área. Desenhava modelos de anatomia para aulas de biologia, sobressaindo meus trabalhos nas feiras de ciência, por conta do gosto pelo desenho. Por outro lado, era aluna desligada nas outras disciplinas. Nunca me preocupei com nada disso. Cursei Publicidade e Propaganda, pela facilidade de desenhar e a rapidez de criar soluções visuais. Casei, tive três filhos bem cedo, com uma diferença de idade entre eles tão pequena, que me impediu de trabalhar fora de casa. Mais uma vez o desenho veio em meu encontro. Desenhava entre as mamadas e tarefas de menina mãe. Estava sempre com um bloco de desenho e lápis por perto. Esta é a grande facilidade do desenho: com muito pouco se pode trabalhar. Só com meus filhos na escola, pude buscar conhecer atelier de artistas e observar na fonte, o fazer artístico. Ingressei no Atelier Livre de Porto Alegre, para aprender alguma técnica, conhecer pessoas da área e comecei devagar a participar de algumas exposições coletivas de alunos.

Ainda a escultura estava adormecida. Certo dia, uma professora, hoje já falecida, chamada Carmem Moralles, me disse: "Tu és uma escultora!" Fiquei constrangida, nunca tinha pensado nisso. Ela me explicou, que eu recortava, tirava para fora os desenhos, meu trabalho era muito escultórico e eu, via de regra, arrancava do papel a figura. Me aconselhou a entrar para a escultura. Eu fui e a escultura me pegou. Acho que foram os anos anteriores desenhando muito, que me proporcionaram a facilidade muito prazerosa para modelar minhas primeiras peças. Eu simplesmente sabia fazer, melhor: minhas mãos sabiam! E encantada iniciei a trilha da escultura também. Um mundo muito saboroso, porém, muito mais trabalhoso e dispendioso, contudo me abduzia num prazer e numa entrega quase total. Impossível modelar, fazer uma escultura ficar de pé, atravessar todo o processo, a técnica de fundir, ter o olho treinado, ver além, sentir os pesos, o equilíbrio, sem uma entrega profunda. Aos poucos, começaram convites para participações em salões de arte, exposições coletivas, mais tarde individuais, que foram se estendendo a grandes capitais culturais da América e Europa, onde hoje exponho sistematicamente. Ganhei inclusive duas premiações em Paris, em épocas e exposições diferentes.

...me fecho no Atelier, me fecho dentro de mim e vou filtrando todas as impressões vividas, e discorro inconscientemente sobre elas.

"O ASTRONAUTA DA MINHA ALMA"
Foto: Zago

FEBRAPSI: EXISTEM PERÍODOS (TEMAS-EIXOS) QUE MARCAM A SUA CRIAÇÃO OU SEU PROCESSO CRIATIVO?

MARILIA: Certamente, todo meu trabalho é marcado por períodos já vividos e, ainda períodos que não vivi, mas por intuição pressinto que vão chegar. Isto é identificado depois que passa a situação. Aí consigo observar bem as distintas fases. Enquanto trabalho, estou muito próxima da vivência, é difícil alguma identificação. Meu trabalho, não nasce; tenho a impressão que está sempre em mim, sou eu. O que acontece é que, às vezes, a vida vaza pelas mãos arteiras e me exponho em forma material. Tenho um museu imaterial incomensurável dentro de mim, pulsando vivo. É uma questão de oportunidade: parar, entrar no silêncio do confronto interior, e deixar o trabalho sair. Não sei sobre os outros artistas, mas, pessoalmente, são muitas as conexões que me levam a realizar séries ou fases repetidas. Como se eu precisasse me convencer, como se eu precisasse acreditar, como se eu precisasse me degustar algo que estou vivendo, ou de alguma coisa que escapou ao meu controle, ou ainda de algo que terei que enfrentar... Então eu me fecho no Atelier, me fecho dentro de mim e vou filtrando todas as impressões vividas, e discorro inconscientemente sobre elas. Acho que estes trechos de vida e trabalho são as tais fases.

FEBRAPSI: COMO VOCÊ ANALISA AS FASES DO SEU TRABALHO?

MARILIA: As fases... Sei pouco sobre elas de maneira consciente. São as fases da minha vida: meus medos, minhas brincadeiras, meus nascimentos, minhas mortes. Sinto isto sinto bem nitidamente e reconheço: um hiato torturador entre as fases.

Sinto o silêncio e o vácuo me pesar como chumbo. Sinto a expectativa me fazer faltar o ar. Sinto o gelado, o medo, o não saber de nada... Sinto isto e muito mais, antes de iniciar uma empreitada pessoal, que certamente abrirá o cenário de uma nova fase. Resultado de vivências ou aspirações de vida, este iniciar é quase cruel. É sair de dentro das profundezas da terra fértil onde me escondo nas entre safras para me proteger, me refazer, e começo a brotar como uma videira, tímida, cheia de brotos, que de repente explodem em folhas verdes, e cobrem todo um parreiral.

Costumo adiar tudo que posso ante a um novo começo, de puro medo. Medo de me mostrar, medo de descobrir mais uma alma habitando em mim. Mas sempre chega a hora do confronto e descortino o meu desconhecido em busca de alguma descoberta, de alguma paz. Existe também a parte prática, econômica e que torna viável o trabalho da arte. Não tenho nenhuma ajuda de custo, bolsa, ou qualquer garantia econômica. Isto faz com que muitas vezes uma fase seja capitaneada pelo artigo que estiver em oferta, pelo que se apresentar mais viável. Por exemplo, já comprei muitos potes grandes de tinta azul de diferentes tons porque estavam numa oferta imperdível na casa de material artístico. Então por muito tempo o fundo de minhas telas eram azuis. Apesar de ser do meu gosto esta cor que representa o infinito, o distante, o espaço. Naquele tempo, o azul reinou em meu Atelier e em meus trabalhos. O que me dava muito prazer, porque para mim, azul é uma cor que vai embora! Isto me comove. As tais fases devem comover, comprometer, desconfortar, desartistar, desprover o conhecido pelo jamais experimentado. Acredito nisso, se não, não vale o esforço.

FEBRAPSI: É POSSÍVEL PERCEBER CARACTERÍSTICAS COMUNS NAS DIFERENTES FASES DO SEU TRABALHO?

MARILIA: Por muito tempo, às vezes ainda hoje, equilibro bicicletas em cima de esculturas ou desenhadas em alguma gravura, pinceladas numa tela. Sempre meio pequena, frajola, mas a bicicleta está ali, lembrando a peraltice que existe em cada acontecimento, em cada viver, em cada morrer... Aquela fragilidade, tão exposta, carente por movimento, mudanças, para não cair. Muitas e muitas telas estendi um teclado, seria outra fase? Ou estaria clamando pela mesma coisa de diferentes modos? Estradas, saídas, caminhos, fuga! Música, teclas, degraus, subidas, acordes... acorde! Acordar... A cor que quero dar! As figuras, sempre em algum movimento, como se o bronze suspirasse uma leveza que não tem. Pode-se chamar de fase... Ou característica. Caráter! O trabalho para ser autêntico deve ter caráter. Deve dar medo... Deve surpreender! Nem tanto ao observador, mas penso que o trabalho deve me surpreender! Me assustar, ir além de mim...

FEBRAPSI: LEVANDO-SE EM CONTA A RELAÇÃO ENTRE O "CRIADOR" (ARTISTA) E O PÚBLICO, COMO VOCÊ SENTE QUE SE DÁ ESTA INTERAÇÃO MEDIADA PELA SUA CRIAÇÃO (OBRA DE ARTE)?

MARILIA: Não me sinto criadora. Sou criativa. Copio, remendo, reformo, reinvento, releio, refaço, respeito. O mundo está criado. A vida cria. Eu apenas trabalho. Traduzo do meu jeito o que já esta aí. Tudo com muita verdade, muito sentir, muita nudez de alma. Esta autenticidade, de fazer sem nenhum pudor, o que meu interior grita é que se comunica com cada pessoa. Procuro sintonizar meu eu com o eu do outro. Cada outro é um só! Cada pessoa é um filho único. Não lido com o público propriamente, porque faço meu trabalho com muita intimidade. Ao fazer, imagino cada trabalho se comunicando com cada uma pessoa, única, dentro da sua menor partícula. É um elo quase sagrado, é íntimo como fazer amor. Olho no olho. Essa minha intenção, apesar de pretenciosa, é muito simples e direta. Por isso funciona. Quando recebo o retorno de alguma pessoa, é sempre muito intenso e particular: a pessoa capta o quanto me entrego, e se entrega também.

Para saber mais sobre o trabalho da artista acesse *www.mariliafayh.com.br.*

calendário nacional

JULHO

28 e 29

Sociedade de Psicanálise de Brasília – SPBsb

Atividades científicas e clínicas com Bernard Chervet

AGOSTO

5 a 7

Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre – SPPA

Bernard e Emanuelle Chervet na Sppa

15 e 16

Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul - SPMS

9º Simpósio de Psicanálise da SPMS: O mundo em mutação: Realidades e Ficções

23

Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro - SPRJ

Psicanálise em Diálogo "Repensando responsabilidade: limites necessários"

30

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto - SBPRP

EXPANSÕES E RUPTURAS III: "Rumo a uma terceira tópica?"

OUTUBRO

24 e 25

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais - GEPMG

Jornada Anual: 100 Anos de Narcisismo

25

Grupo Psicanalítico de Curitiba - GPC

Jornada Desafios do Contemporâneo II

31 e 1º/11

Sociedade Psicanalítica de Recife – SPR

XIX Jornada de Psicanálise e XV Encontro de Psicanálise da Criança e do Adolescente: Do Ato ao Sonho: Desdobramentos da Psicanálise na Clínica Atual

NOVEMBRO

07 e 08

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia - GEPG

IX Jornada de Psicanálise de Goiânia: Psicanálise e Diversidade Sexual

07 e 08

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre - SBP de PA

II Encontro de Estudos da Obra de Sigmund Freud e lançamento do livro "Diálogos com Freud", de Ricardo Avenburg (APdeBA)

27 a 29

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo - SBPSP

Transtornos do Espectro Autístico e II Fórum Interdisciplinar sobre o Desenvolvimento Humano

27 a 29

FEPAL e Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro - SBPRJ

Simpósio Especial de Lançamento da Revista Calibán

CONSELHOS, FEDERADAS E PRESIDENTES

CONSELHO DIRETOR
Presidente: Aloysio Augusto D'Abreu
Secretario Geral: Paulo Cesar Chagas Lessa
Tesoureiro: Rosângela de Oliveira Faria
Diretor Científico: Daniel Delouya
Diretor do Conselho Profissional: Ana Paula Terra Machado
Diretor Publicações e Divulgação: Zelig Libermann
Diretor de Relações Exteriores: José Fernando de Santana
Diretor Superintendente: Vera Lucia de Faria Benchimol

SECRETARIA
GERENTE ADMINISTRATIVO FINANCEIRO
Renata Lang Marcel
Karel De Ublo

CONSELHO PROFISSIONAL
Diretora: Ana Paula Terra Machado
SBPSP: Alicia B. Dorado de Lisondo
SPRJ: Paulo Cesar Chagas Lessa
SBPRJ: Wania Maria Coelho Ferreira Cidade
SPPA: Jair Rodrigues Escobar
SPR: Eduardo Afonso Jr.
SPB: Sylvaim Nahum Levi
SBPdePA: Beatriz Saldini Behz
SPPel: José Francisco Rotta Pereira
SBPRP: Maria Auxiliadora Campos
APERJ-Rio4: Sergio Antônio Cyrino da Costa
SPMS: Ana Deise Leonardo Cardoso
GEPMG: Elieane de Andrade
GEPG: Daniel Emídio de Souza
GEPFor: Roberto Nóbrega Teixeira
GEPCampinas: Hang Ly Homem de Ikegami Rochel

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
Editor: Bernanrdo Tanis
Editora Associada: Alice Paes de Barros Arruda

CONSELHO CIENTÍFICO
Diretor: Daniel Delouya
Secretária: Beatriz Troncon Busatto
SBPSP: Vera Regina Jardim Ribeiro Marcondes Fonseca
SPRJ: Marisa Helena Leite Monteiro
SBPRJ: Liana Albernaz de M. Bastos
SPPA: Maria Elisabeth Cimenti
SPR: Carolina Cavalcanti Henriques
SPB: Mirian Elisabeth Bender Ritter de Gregorio
SBPdePA: Silvia Skowronsky
SPPel: Christine Marques Castro Vinhas
SBPRP: Lia Fátima Christóvão Falsarella
APERJ-Rio4: Eliana Lobo
SPMS: Joelma Dibo Victoriano
GEPMG: Rosália Lage Martins Bicalho
GEPG: Marísia Abrão
GEPFor: Galba Lobo Junior
GEPCampinas: Martha Prada e Silva
GPC: Sérgio Kaio

DELEGADOS
Ana Cláudia de Almeida
Álvaro Velloso
Ana Paula Terra Machado
Andreas Zschoerper Linhares
Anette Blaya Luz
Carlos de Almeida Vieira
Celmy de A. A. Quilelli Correa
Christine Marques Castro Vinhas
Edival Antonio Lessnau Perrini
Gisèle de Mattos Brito
Hang Ly Homem de Ikegami Rochel
Helena Ardaiz Surreaux
Hemerson Ari Mendes
Jose de Matos
José Fernando de Santana Barros
Judit Letsche
Lenita Osório Araújo
Luiz Tenório Oliveira Lima
Magda Sousa Passos
Maria Adelaide da Cunha Neves Leonardo
Maria de Fátima Chavarelli
Marísia Abrão
Nelson José Nazaré Rocha
Nilde Jacob Parada Franch
Paulo Marchon
Rachel Barbosa Lomônaco Beltrame
Regina Pereira Klarmann
Roberto Calil Jabur
Sergio Cyrino
Sergio Eduardo Nick
Sérgio Kehdy
Valton de Miranda Leitão

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE SÃO PAULO (SBPSP): Nilde J. Parada Franch

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DO RIO DE JANEIRO (SPRJ): José de Matos

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO (SBPRJ): Celmy de A. A. Quilelli Correa

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE (SPPA): Anette Blaya Luz

SOCIEDADE PSICANLÍTICA DE RECIFE (SPR): José Fernando de Santana Barros

SOCIEDADE DE PSICANÁLISE DE BRASÍLIA (SPBsb): Carlos de Almeida Vieira

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE PORTO ALEGRE (SBPDEPA): Helena Ardaiz Surreaux

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PELOTAS (SPPEL): Hemerson Ari Mendes

SOCIEDADE BRASILEIRA E PSICANÁLISE DE RIBEIRÃO PRETO (SBPRP): Rachel Barbosa Lomônaco Beltrame

ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (APERJ-RIO4): Maria Adelaide da Cunha Neves Leonardo

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DO MATO GROSSO DO SUL (SPMS): Lenita Osório Nogueira Araújo

GRUPO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS DE MINAS GERAIS (GEPMG): Sérgio Kehdy

GRUPO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS DE GOIÂNIA (GEPG): Álvaro Alves Velloso

GRUPO DE ESTUDOS PSICANBALÍTICOS DE FORTALEZA (GEPFOR): Paulo Marchon

GRUPO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS DE CAMPINAS (GEPCAMPINAS): Nelson José Nazaré Rocha

GRUPO PSICANALÍTICO DE CURITIBA (GPC): Edival Antonio Lessnau Perrini

NÚCLEOS
Núcleo de Psicanálise de Marília e Região
Núcleo Psicanalítico de Natal
Núcleo Psicanalítico de Maceió
Núcleo Psicanalítico de Florianópolis
Núcleo Psicanalítico de Aracaju
Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo
Núcleo Psicanalítico de Salvador
Núcleo Psicanalítico de Santa Catarina